


## Novas perspectivas da comunicação: inclusão de todos os gêneros e de todas as pessoas na UE /

## Nuove prospettive della comunicazione: inclusione di tutti i generi e tutte le persone nell'UE


*Martina Lemmi\**

Doutoranda pela Universidade de Évora – (Programa de Literatura) Departamento de Linguística e Literatura (Évora, Portugal).

 <https://orcid.org/0000-0002-9368-7301>

*Deborah Catteruccia\*\**

Mestranda em Línguas, Literaturas Comparadas e Tradução Intercultural pela Universidade dos Estudos de Perugia. Graduação em Línguas e Culturas Estrangeiras (Perugia, Umbria, Itália).

 <https://orcid.org/0000-0003-1307-4001>

**Recebido** em: 29 abr. 2021. **Aprovado** em: 24 mai. 2021.

### Como citar esta resenha:

LEMMI, Martina; CATTERUCCIA, Deborah. Novas perspectivas da comunicação: inclusão de todos os gêneros e de todas as pessoas na UE. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 270-, mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10116165>

### Resenha da obra:

*GENERAL SECRETARIAT OF THE COUNCIL. Inclusive communication in the GSC, Brussels, Belgium, European Union, 2018. 16 p.*

---

\*

 [martinalemmi@libero.it](mailto:martinalemmi@libero.it)

\*\*

 [deborah.catteruccia@gmail.com](mailto:deborah.catteruccia@gmail.com)

O guia *Comunicação inclusiva no SGC*<sup>1</sup> é um documento publicado pelo Conselho da União Europeia que aborda a questão da comunicação inclusiva no âmbito administrativo, em particular naquele do Secretariado-Geral do Conselho (SGC)<sup>2</sup>.

A comunicação inclusiva é um assunto muito atual e sempre em evolução, como são aliás as línguas, que se evoluem continuamente, incorporando novas expressões e palavras. As línguas, sendo um sistema em uso, acompanham as mudanças e as transformações sociais e culturais vividas pelas pessoas que as falam. Todas as línguas têm as próprias estruturas e expressões idiomáticas, a própria gramática e história. De fato, estas particularidades emergem em cada tradução do guia para as diferentes línguas da União Europeia, nas quais há exemplos únicos que mostram como é possível melhorar a linguagem utilizada no cotidiano em função de uma comunicação mais inclusiva. O objetivo deste guia é consolidar um “plano de ação para um Secretariado-Geral do Conselho (SGC) mais dinâmico, flexível e colaborativo” (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p.3). Para esse fim, a elaboração do guia prevê também a importância da “promoção de um ambiente no qual os membros do pessoal sejam individualmente capacitados, motivados e preparados para se realizarem, tanto em termos de desenvolvimento pessoal como no seu contributo para atingir os objetivos do SGC.” (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p.3). O conceito de inclusão abrange primeiramente a língua, e é por esta razão que num contexto tão heterogêneo como o SGC é extremamente importante que todos os membros do pessoal sejam tratados e representados de forma equitativa. Fazendo assim, as pessoas vão trabalhar num ambiente no qual se sentirem sempre mais confortáveis, e tudo isso as leva a se tornarem mais produtivas e, por consequência, a se realizarem tanto no âmbito profissional como no privado. Seria impossível falar de todas as línguas presentes na UE, pois cada uma é diferente da outra. Por isso nessa resenha se apresentam, em particular, o documento em língua inglesa e as suas traduções para o alemão, o italiano e o português, e se propõe também uma breve comparação entre a estrutura das quatro.

---

<sup>1</sup>Esta resenha crítica tem em conta as versões em língua inglesa, alemã, portuguesa e italiana. Todos os links estão nas referências.

<sup>2</sup>O Secretariado-Geral do Conselho é o organismo encarregado de assistir o Conselho Europeu e o Conselho da UE e contribui tanto para organizar os trabalhos do Conselho, garantindo a sua coerência, como para atuar o seu programa.

Confrontando essas versões se pode notar que as em língua portuguesa e italiana têm vinte páginas, enquanto as em língua inglesa e alemã dezesseis. Todas estão estruturadas da seguinte forma:

- introdução;
- recomendações sobre a linguagem administrativa;
- linguagem sensível à questão do gênero<sup>3</sup>;
- linguagem utilizada para fazer referência a pessoas com deficiência;
- outras sugestões para uma linguagem isenta de preconceitos;
- comunicação oral no trabalho;
- comunicação visual;
- mais informações.

Só a versão em língua portuguesa termina com uma seção suplementar que contém informações úteis para quem quiser conhecer algumas medidas jurídicas relacionadas com a questão da igualdade e do respeito da diversidade.

Na introdução do guia se explica o objetivo do documento, que é de promover uma comunicação inclusiva através da linguagem escrita, oral e visual – considerando também as mensagens que as imagens podem transmitir. Neste sentido, as primeiras indicações são apresentadas na parte sobre a linguagem administrativa, que contém várias subseções, as quais tomam em conta tanto a linguagem sensível à questão da identidade de gênero como aquela utilizada para se referir às pessoas com deficiências. Além disso, se propõem sugestões para uma linguagem isenta de preconceitos e se considera a questão da comunicação oral e visual no trabalho, igualmente significativa. Nesta resenha se verá também como algumas partes divergem em cada um dos quatro textos, principalmente por causa das diferenças – gramaticais, sintáticas, estilísticas e culturais – inevitáveis entre as línguas.

A primeira subseção é focada no uso de uma linguagem que respeite a identidade de gênero e que contribua também para a realização da igualdade entre homens e mulheres. Para obter a neutralidade de gênero, as várias línguas utilizam estratégias diferentes de acordo com as

---

<sup>3</sup>No documento original em língua inglesa se faz referência a um *gender-neutral language*, do qual se vai falar brevemente a seguir.

suas estruturas gramaticais. As línguas das versões consideradas pertencem a famílias linguísticas diferentes<sup>4</sup>. No inglês, que diferentemente das outras não tem o gênero gramatical<sup>5</sup>, a distinção de gênero permaneceu só no sistema pronominal. Como afirma Corbett, “*English has a gender system based on a semantic criteria*” (CORBETT, 1991, p. 12) e, portanto, utiliza mais frequentemente a estratégia da neutralização. Para evitar especificar o gênero é possível utilizar termos neutros como “*chair*” ou “*spokesperson*” (GENERAL SECRETARIAT OF THE COUNCIL, 2018, p. 8), ao fim de comunicar de modo mais inclusivo no âmbito administrativo. Em inglês, os títulos profissionais são geralmente neutros, porém, quando é necessário especificar o gênero, se aconselha antepor “*female*”<sup>6</sup> ao título – evitando o uso de “*lady*” (GENERAL SECRETARIAT OF THE COUNCIL, 2018, p. 9), que poderia ser discriminatório. Além disso, para se referir a pessoas de todos os gêneros, o guia aconselha não usar o pronome masculino genérico e preferir a forma *he or she*<sup>7</sup>, ou mudar o pronome singular no plural *they*, que é mais inclusivo<sup>8</sup>.

Similarmente, em italiano e português, há a tendência para usar o plural masculino para se referir a grupos que contêm pessoas de mais gêneros. Sabe-se como, na realidade, o uso dos substantivos masculinos plurais como hiperônimos pode assumir também um valor social (COELHO BARROS, 2010, p. 183). Neste contexto, o guia oferece sugestões para uma maior inclusão na linguagem. Por exemplo, em português é possível evitar o gênero masculino através da neutralização, usando nomes coletivos como “a coordenação” e “o pessoal docente” (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p.8). Em italiano não se menciona a estratégia da neutralização, porém, entre as várias estratégias, há aquela do uso dos nomes coletivos como, por exemplo, “*il corpo docente*”, usado no lugar de “*i docenti*”<sup>9</sup> (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p. 9). Estas estratégias podem ser facilmente aplicadas também em alemão,

---

<sup>4</sup>São línguas românicas o italiano e o português, enquanto o alemão e o inglês são germânicas.

<sup>5</sup>O gênero é uma categoria gramatical que permite a divisão dos substantivos em categorias diferentes e tem – supostamente – uma correspondência semântica com o gênero natural o biológico dos seres humanos.

<sup>6</sup>Por exemplo, se aconselha utilizar a forma *female manager* no lugar de *lady manager*. *Female* tem de ser utilizado só como adjetivo.

<sup>7</sup>Em oposição a *he/she*.

<sup>8</sup>Se aconselha o uso de *they* também para se referir a um nome singular.

<sup>9</sup>No entanto, na versão em língua italiana está especificado que não sempre os nomes coletivos correspondem ao nome individual, como em: *la presidenza*. Este termo pode indicar, dependendo do contexto no qual se usa, tanto o presidente como a comissão executiva.

graças ao uso de sufixos como *-schaft* e *-personal*, que indicam um conceito mais geral e que, sobretudo, não se referem a um sexo específico.

A versão em língua italiana recomenda o uso do gênero gramatical correspondente ao gênero biológico quando este é conhecido no contexto comunicativo, quando há mais pessoas do mesmo gênero, bem como quando o nome da pessoa que exerce um cargo público é especificado. Quando se refere a pessoas cujo gênero não é conhecido ou a mais pessoas de ambos os sexos, é possível aplicar o uso simétrico do gênero – ou divisão – uma estratégia que pode ser usada também em português<sup>10</sup>. Além disso, a versão italiana tem várias outras estratégias, incluindo a contração, obscurecimento de ambos os gêneros e o uso de caracteres curinga<sup>11</sup>. Por último, no documento em inglês e nas suas traduções em italiano e português, é feita referência ao uso não marcado do termo *uomo*, utilizado para indicar de forma genérica uma pessoa<sup>12</sup>. Todas as três versões recomendam substituí-lo por termos como, por exemplo, “*essere umano*” ou “*umanità*”<sup>13</sup> (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p. 11). Além disso, a palavra *uomo* é usada para se referir a certas categorias de indivíduos, tais como “*uomo [...] di scienza*”. (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p. 11). No entanto, quando o gênero referido é feminino, convém substituir este termo por “*donna*” (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p.11). Note-se que nesta passagem existe uma das maiores diferenças entre a versão italiana e as outras, porque na primeira há uma descrição detalhada das regras morfofonológicas para a formação dos substantivos femininos, ausentes nas outras versões.

As duas subseções seguintes se focam, respectivamente, na linguagem para se referir a pessoas com deficiência e na linguagem sem preconceitos. Quanto à primeira, todas as versões convidam a “colocar a tónica na pessoa”. (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p. 10), com suas características e suas múltiplas habilidades, usando – por exemplo – a expressão

---

<sup>10</sup>A versão em língua italiana sugere a concordância de adjetivos e participios com o masculino, colocando o nome feminino antes do masculino, como em: *le funzionarie e i funzionari*. Na versão em língua portuguesa é especificado que a estratégia de neutralização é sempre preferível à da especificação, porque isso torna os textos muito longos e menos elegantes. No entanto, quando isso não é possível, é aconselhável usar a estratégia de especificação com formas duplas ou usando barras. Por exemplo, pode-se utilizar as formas como “os alunos” e “as alunas” ou “professor/a”.

<sup>11</sup>O uso de caracteres curinga só é mencionado nas versões italiana e alemã. Em ambos, o uso desses caracteres na comunicação administrativa e institucional não é recomendado, pois sua interpretação é difícil.

<sup>12</sup>Em italiano, a palavra *uomo* é frequentemente usada em expressões idiomáticas, como, por exemplo, *a passo d'uomo*. Tais expressões não necessariamente desrespeitam a identidade de gênero e, portanto, não há necessidade de censurá-las. Em vez disso, recomenda-se a substituição da palavra acima em frases não idiomáticas.

<sup>13</sup>Em inglês recomenda-se o uso de termos neutros como *humankind* e *humanity*; em português humanidade e ser humano; em alemão: *Leute*.

“pessoa com deficiência”<sup>14</sup> e evitando expressões como “sofre de” porque remetem “para a ideia de vítima” (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p. 10). Em seguida, na parte focada na linguagem isenta de preconceitos, a ideia principal é sempre centrar o discurso na pessoa. Neste contexto, é feita referência a várias questões, como a identidade de gênero e a orientação sexual<sup>15</sup>. Todas as versões recomendam o uso de expressões inclusivas como “pessoas LGBTI”<sup>16</sup> (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p. 11). No que diz respeito aos casais, propõe-se a utilização de termos mais genéricos como “partner” ou “coniuge”<sup>17</sup> (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p. 13). Quando é feita referência à origem étnica ou à nacionalidade de uma determinada pessoa, se recomenda o uso de termos específicos. Por exemplo, as versões italiana e portuguesa não recomendam utilizar um termo genérico como africano, que contém uma enorme variedade de pessoas; em vez disso, é preferível usar, sempre que possível, termos mais específicos, como “egiziano” e “nigeriano” (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p. 14) e “angolano” ou “guineense.”<sup>18</sup> (SECRETARIADO-GERAL DO CONSELHO, 2018, p. 12).

No que diz respeito às últimas subseções – relativas à comunicação oral no local de trabalho e à comunicação visual, respectivamente – o guia salienta a importância de evitar uma linguagem carregada de estereótipos e um certo tipo de humor que banaliza as questões de gênero. Devem ser evitadas expressões como “*donna al volante, pericolo costante*” (SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO, 2018, p.15). Por fim, a última subseção destaca a importância do uso de imagens inclusivas para representar os vários aspetos da diversidade<sup>19</sup> e garantir a inclusão de todos e de todas nas escolhas de comunicação. Recomenda-se o uso de imagens que mostrem a diversidade dentro do GSC, incluindo pessoas de todos os gêneros em papéis e funções de igual valor. A versão em língua italiana, na descrição de uma das imagens da brochura, destaca a positividade do uso de fotografias que retratam personalidades políticas femininas em papéis *ativos*.

---

<sup>14</sup>As versões em inglês, português e alemão são as seguintes: *a person with a disability*; pessoa com deficiência; *ein Mensch mit Behinderungen*.

<sup>15</sup>O documento também se refere a outras questões, como religião e idade.

<sup>16</sup>Em inglês: *LGBTI people* ou *LGBTI persons*; em português: pessoas LGBTI; em alemão: *LGBTI-Personen*.

<sup>17</sup>As versões em língua inglesa: *partner*; em alemão (*Lebens*) *Partner/in*; em português: parceiro/parceira ou cônjuge.

<sup>18</sup>Por razões sócio-culturais, as versões em inglês e alemão referem-se a pessoas de origem asiática.

<sup>19</sup>Il documento nelle varie lingue chiarisce che tali aspetti sono il genere, l'età, l'origine etnica, la disabilità, le convinzioni religiose o di altro tipo, l'orientamento sessuale e la nazionalità.

O guia – dada a importância da instituição da qual nasceu – representa um ótimo passo na direção de uma maior inclusão, dado que a linguagem e a sociedade interagem constantemente uma com a outra e se influenciam mutuamente. Portanto, é importante que a linguagem se torne cada vez mais inclusiva, evoluindo e acompanhando, assim, os tempos atuais, nos quais a preocupação com uma comunicação mais inclusiva é sempre mais relevante. O documento é rico em estratégias e exemplos muito claros e abrangentes e, além disso, está bem estruturado e a presença de exemplos e imagens significativas é de fundamental importância.

Entre as quatro versões, a versão italiana é a mais completa, pois fornece informações sobre o gênero gramatical e explicações exaustivas de regras fonológicas para a formação de mulheres, um aspecto talvez tratado de forma excessiva. A versão italiana oferece também uma crítica do uso social da língua e exemplos particularmente interessantes. Enfim, se pode notar que o documento em inglês e sua tradução em alemão são muito mais curtos e concisos para o leitor, não só pelo menor número de páginas, mas também pelo estilo muito direto.

O guia, originalmente escrito para quem tem um emprego no GSC, é também uma excelente leitura para aqueles que trabalham com as línguas, em contextos internacionais e administrativos, ou para aqueles que lidam com os Estudos de Gênero. Por fim, se recomenda a leitura deste documento para as pessoas que quiserem aprofundar a questão da comunicação inclusiva ou que são sensíveis a ela, bem como para todos os linguistas e para os que estão interessados na função *social* da língua.

## Referências

- COELHO BARROS, Dulce Elena. *Gêneros gramatical, textual e social nos estudos linguísticos*, Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, v. 32, n. 2, p. 181-189, 2010.
- CORBETT G. G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GENERAL SECRETARIAT OF THE COUNCIL. *Inclusive communication in the GSC*, Brussels, Belgium, European Union, 2018.
- GENERALSEKRETARIAT DES RATES. *Inklusive Kommunikation im Generalsekretariat des Rates*, Brüssel, Belgien, Europäische Union, 2018.
- SECRETARIADO GERAL DO CONSELHO. *Comunicação inclusiva no SGC*, Bruxelas, Bélgica, União Europeia, 2018.
- SEGRETARIATO GENERALE DEL CONSIGLIO. *Una comunicazione inclusiva all'SGC*, Bruxelles, Belgio, Unione Europea, 2018.